### UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

## FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

**32** 

INSCRIÇÕES 144-148



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1989 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA Maria Manuela Alves DIAS Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

## FICHEIRO EPIGRÁFICO

# Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





#### 144

### EPITÁFIO DE PLACÍDIO SABINO

**Гото 144** 

Guarda-se no Seminário Maior de Leiria um cipo quadrangular incompleto, de calcário da região. Proveio de Rio de Couros, concelho de Vila Nova de Ourém, onde foi recuperado por volta de 1967-1968.

Alisado nas quatro faces laterais, apresenta a face superior irregular devido às sucessivas reutilizações de que foi alvo. Escoriações diversas nas arestas, mormente do lado direito, e na própria superfície epigrafada há sulcos e concavidades provocadas pela erosão.

Dimensões:  $59,5 \times 57 \times 34$ .

D(is) M(anibus) / P(ublio) PLACIDIO / SABINO / ANN(orum) XXXV (quinque et triginta) / 5 GALLIA / AVITA [P(onendum) C(uravit)]

Aos deuses Manes. A Públio Placídio Sabino, de trinta e cinco anos, Gália Avita mandou colocar.

Altura das letras: 1. 1:9; l. 2 a 5:6. Espaços: 1:18; 2 a 6:1,5.

Paginação com tendência para seguir um eixo de simetria. Os caracteres apresentam-se como solução de compromisso entre o tipo actuário (X e A bastante esguios, por exemplo) e o monumental quadrado (visível no tamanho regular e bem circular do O, do C e do G). Anote-se: o módulo maior da fórmula inicial; a simetria do B; o G de haste breve e vertical.

Na 1. 2, o segundo P mal se distingue devido ao desgaste da pedra, o mesmo acontecendo na 1. 3 (S, N e O) e no começo da 1. 3. A fractura ocorreu a meio das letras da 1. 6 que, no entanto, se reconstitui sem dificuldade. Numa 1. 7, estaria a fórmula final, possivelmente P. C. que é a mais frequente na epigrafia da região.

De resto, a estrutura textual obedece aos cânones conhecidos da epigrafia do aro de Collipo (1): invocação aos Manes sem S(acrum), nome do defunto em dativo, indicação da idade em lustros, identificação singela da dedicante e fórmula final.

Estamos perante uma onomástica latina, a identificar muito provavelmente pessoas de origem estranha à Península, quiçá colonos ou descendentes de colonos. De facto, se Avitus é deveras frequente na Lusitânia (2). Sabinus está muito ligado a gentilícios clássicos (cf. ILER, p. 743) e os nomina agui representados são extremamente raros no território peninsular: de Placidius regista-se em Astorga o testemunho dum veterano da VII Legião Gémina Alexandriana (ILER 5612 = CIL II 2640); de Gallius refere J. Vives (ILER, p. 698) sete exemplos, três mulheres e quatro homens, sendo três expressamente indicados como libertos de uma mulher. Uma gens Gallia está, aliás, bem representada em Conimbriga, onde inclusive se encontra relacionada com o cognome Avitus (3). O cognome Sabinus também ocorre em marcas e grafitos desta cidade (4). Há, pois, boas probabilidades de relacionação entre as famílias que, ao tempo dos Romanos, viveram no termo da actual Vila Nova de Ourém e em Conimbriga.

Pela paleografia, é monumento datável da segunda metade do século I da nossa era.

José Beleza Moreira José d'Encarnação

<sup>(1)</sup> Cf. Brandão (Domingos de Pinho), Epigrafia romana coliponense, «Conimbriga», 11, 1982, 41-192 (n.ºs XXI, XXX, XXXVIII e XLIII, por exemplo).

<sup>(2)</sup> Cf. «Conimbriga», 21, 1982, 75.

<sup>(8)</sup> Fouilles de Conimbriga — II, Paris, 1972, 99.

<sup>(4)</sup> Ibidem, n. 08 211 e 341.



**Гото 144** 

Fotografia de Guilherme Cardoso

#### 145

# UMA EPÍGRAFE ROMANA DE SÃO SIMÃO DE LITÉM

**Гото 145** 

Encontra-se na cerca do Seminário Diocesano de Leiria um paralelepípedo, de calcário róseo da região muito corroído, com restos de uma inscrição romana simultaneamente honorífica e funerária. Proveio de junto da capela do Arnal (freguesia de São Simão de Litém, concelho de Pombal).

A face superior, rugosa, apresenta uma cavidade mais ou menos central, em forma de cunha, com  $10 \times 4 \times 9$  cm (para assentamento de estátua?). A face lateral direita está alisada; a esquerda, partida.

Dimensões:  $56 \times 77 \times 47$ . Campo epigráfico:  $56 \times 77$ .

[...] CI [...] / [R]VSTICVS . ET TAR/[...]LIA LIB(erti) ET HER(edes) / [EX] TEST(amento) F(aciendum) C(uraverunt)

... Rústico e Tar..., libertos e herdeiros, por testamento mandaram fazer.

Altura das letras: 6,5. Espaços: 1: 2; 2 e 3: 1; 4: 25.

A erosão a que a pedra foi submetida bem como a fractura lateral esquerda fizeram desaparecer boa parte dos caracteres. Na l. 1, de cujas letras restam vestígios pouco perceptíveis, deveria estar a identificação do homenageado. Na l. 2, o cognome *Rusticus* 

reconstitui-se sem problemas; seguir-se-lhe-ia, após o ET, o nome da segunda dedicante que, pela observação da pedra, dá impressão de começar por TAR; será uma dedicante porque, na l. 3, se lê bem o A final. O resto dessa linha distingue-se com facilidade, estando HE em nexo.

Os caracteres — pelo que é dado perceber — são do tipo monumental quadrado, de traçado regular, simétricos e verticais.

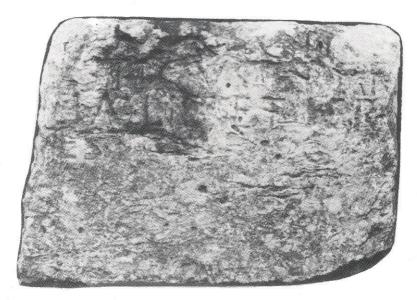
Pouco faltará do lado esquerdo e, por isso mesmo, é provável que os dedicantes apenas se identifiquem pelos seus cognomes, o que se compreende se atendermos a que o gentilício seria o mesmo do patrono a quem o monumento é dedicado.

O cognome latino Rusticus regista um núcleo de ocorrências justamente nesta área (cf. o mapa 2 inserto na «Conimbriga», 21, 1982, entre as p. 150 e 151). E é bem possível que toda a onomástica patente na epígrafe seja de origem latina, se considerarmos que essa é a tendência geral da região (¹).

Pela paleografia, é monumento datável do séc. I da nossa era.

José Beleza Moreira José d'Encarnação

<sup>(1)</sup> Recorde-se, a propósito, que na freguesia de Abiul deste concelho de Pombal se encontrou uma placa funerária atestando a presença de duas famílias — a Sapidia e a Pollia — cujos nomes nada parecem ter a ver com a onomástica peninsular. Cf. Lapa (Maria Fernanda Moreno), Descendentes de legionários romanos viveram em Pombal, «Diário de Coimbra», 26-11-87, p. 2.



**Гото 145** 

Fotografia de Guilherme Cardoso

## UMA PLACA FUNERÁRIA ROMANA EM FORNEIROS (BATALHA)

**Гото 146** 

Fragmento de placa funerária, de calcário da região, retirada em 1947 no lugar de Forneiros (freguesia e concelho de Batalha) aquando da demolição dum velho palheiro. É provável que tenha provindo da vizinha cidade romana de Collipo, cujas pedras sabemos terem sido reaproveitadas em construções posteriores. Encontra-se incorporada na parede lateral de uma casa, propriedade da família Moreira, em Forneiros: foi deixada uma abertura no reboco para que o monumento ficasse visível (¹).

Do monumento original resta a parte final do lado direito, tudo levando a crer que a epígrafe apenas se distribuía por duas linhas, porquanto, embora maltratada, distingue-se uma porção da moldura superior. O campo epigráfico, rebaixado, seria todo ele limitado por moldura do tipo gola encurtada de que, em baixo, se vê completo um breve trecho.

Dimensões:  $(39) \times (49,5) \times ?$ Campo epigráfico:  $28 \times (45,5)$ 

<sup>(1)</sup> Sob o título *A lápide romana dos Forneiros*, deu José Travaços Santos, num jornal local, breve notícia da identificação deste monumento, acompanhada de um desenho. Não apresentou, porém, qualquer leitura (aliás, no desenho vem I, em vez de B, e P, em vez de R).

[...] ANN(orum) . LXX (septuaginta) / [...] [?] [DIS MA]NIBVS . SACRV[M]

[...] de setenta anos. Consagrado aos deuses Manes.

Altura das letras: l. 1: 9 (L = 9,5); l. 2: 8,2 (R = 3,5, V = 4). Espaços: 1: 1,2; 2: 1,8/2,5; 3: 7,5/8.

A mutilação do monumento impede que nos pronunciemos sobre a paginação. A grande regularidade do traçado dos caracteres e o seu tamanho bem como o espaço deixado entre a moldura e a última linha dão-nos a entender que a placa se destinaria a ser embutida na frontaria de um monumento sepulcral, estendendo-se, por conseguinte, em comprimento. O paginador terá, no entanto, calculado mal as medidas, de forma que se viu obrigado a incluir no C os caracteres faltantes, não sendo possível discernir, por agora, se também o M terá sido gravado (eventualmente até em nexo com o V). Anote-se o nexo dos dois NN, também com intenção de poupar espaço. Pontuação triangular. Embora pouco perceptíveis, há vestígios de terem sido traçadas linhas auxiliares, cuja existência está denunciada, por exemplo, no alinhamento das barras que sublinham os vértices das letras.

Caracteres do tipo monumental quadrado, simétricos (à excepção do B cuja pança inferior é mais volumosa), bem talhados em bisel com recurso a diferentes profundidades de gravação para jogar com os efeitos do claro-escuro a fim de dar uma ilusão de relevo: no X, no V e no A as hastes que obliquam para a direita estão menos fundas, a barra horizontal do A também.

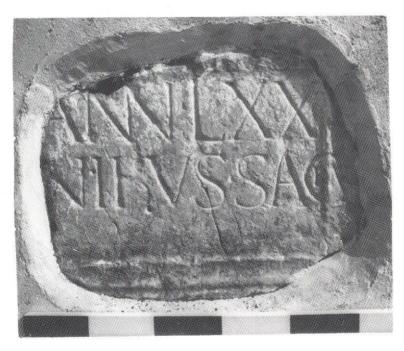
Se tivermos por válida a hipótese de distribuição do texto em apenas duas linhas, encontrar-se-ia na l. 1 a identificação do defunto, seguida da menção da idade com que faleceu, setenta anos (2). A l. 2 teria a invocação aos deuses Manes por extenso: é este, aliás, o aspecto mais curioso e original do monumento, porque tal invocação vem habitualmente não no fim mas a

<sup>(2)</sup> Trata-se, certamente, de um número arredondado em lustros, como é habitual. Daí a relatividade que um estudo demográfico feito a partir dos dados fornecidos por monumentos funerários possui: cf. Clauss (M.), Les problèmes de la statistique de l'âge d'après les inscriptions funéraires romaines, «Antiquités Africaines», 9, 1975, p. 109-114.

encabeçar os epitáfios. Uma outra inscrição da mesma procedência apresenta igualmente a invocação por extenso mas a introduzir o texto e com a palavra sacrum no princípio (3). E há outros exemplos peninsulares de uso da fórmula por extenso (cf. CIL II, p. 1174).

Pelo tipo de letra, parece-nos monumento datável do séc. I da nossa era.

CÉLIA COSTA



**Гото 146** 

Foto de J. Beleza Moreira

<sup>(3)</sup> CIL II 340, hoje perdido; cf. Brandão (Domingos de Pinho), Epigrafia romana coliponense, «Conimbriga», 11, 1972, p. 67-70.

## ESTELA A VALÉRIO REBURRO, DE CÁRQUERE (RESENDE)

**Гото 147** 

Fragmento de estela de granito, encontrada a cerca de 100 metros do mosteiro de Cárquere, freguesia de Santa Maria de Cárquere, concelho de Resende, aquando da abertura duma estrada, no dia 2 de Março de 1989. Foi guardada na sede da Junta de Freguesia.

Na face lateral direita, há uma ranhura central da qual derivam hastes oblíquas, desenhando uma palma. A palma está ligada à morte, como símbolo da permanência e da imortalidade e ainda hoje é hábito representá-la em monumentos funerários (¹); mas há quem pense também que estas figuras são emblemáticas (²).

Dimensões:  $34 \times 28 / 21 \times 21$ .

[...?] / [V]AL(erio) . RE/[BV]RRO / [...]

A Valério Reburro (...).

Altura das letras: l. 1: 8,5 (L = 7); l. 2: 9 (O = 7). Espaços: 1:2; 2: 3/5; 3:3.

A inscrição está incompleta. Apresenta a letra capital actuária com desenho rude. Os pontos são redondos; o ponto a seguir ao

<sup>(1)</sup> Vaz, J. L. I., *Inscrições Romanas de Cárquere*, «Revista da Universidade de Aveiro», sep., 3, 1986, p. 288.

<sup>(2)</sup> VASCONCELOS, J. L., Religiões da Lusitânia, Lisboa, 1913, III, p. 440.

primeiro R da l. 2 pode ser acidental ou marcar pontuação inter-silábica. O V da l. 1 reconstitui-se facilmente, porque a pedra fracturou pelo sulco direito da letra; o A não apresenta a barra horizontal; o L está sensivelmente acima (na sua parte inferior) do nível das outras letras e apresenta a haste inferior ligeiramente inclinada. As letras BV poderão estar no final da l. 1 ou no princípio da 2.

Os antropónimos *Valerius* e *Reburrus* são muito usados na epigrafia romana peninsular, sendo a maior incidência de *Reburrus* na área lusitano-galega (3). São já conhecidos em Cárquere e inclusive surgem juntos, noutra inscrição (4).





**Гото 147** 

Foto de J. Reigota

<sup>(3)</sup> Untermann, J., Elementos de un Atlas Antroponimico de la Hispania Antigua, Madrid, 1965, VII, p. 155 e 156.

<sup>(4)</sup> Jalhay, E., Lápides Romanas de Cárquere, «Brotéria», 52 (1), 1951, p. 82.

## FRAGMENTO DE ESTELA FUNERÁRIA DE CÁRQUERE (RESENDE)

**Foтo 148** 

Estela funerária de granito, encontrada a cerca de 100 metros do mosteiro de Cárquere, freguesia de Santa Maria de Cárquere, concelho de Resende, aquando da abertura duma estrada, no dia 2 de Março de 1989.

Foi guardada na sede da Junta de Freguesia.

O monumento apresenta-se fragmentado na face lateral direita e inferior. Está muito danificado, mal se percebem as letras.

Dimensões:  $42 \times 17/29 \times 20$ . Campo epigráfico:  $(28) \times (27)$ .

 $\frac{[\dots] \text{ TAI } [\dots] \ / \ [\dots] \text{ NVS } [\dots] \ / \ [\dots] \text{ LACO[N] } [?] \ [\dots] \ / \ [\dots]}{\overline{\text{AN}}(\textit{norum}) \ \dot{\textbf{X}} \dot{\textbf{V}} \ [\dots]}$ 

... Lacão (?) ... de 15 (?) anos ... (?).

Altura das letras: l. 1: 6; l. 2: 5,5; l. 3: 6,5/5; l. 4: 5. Espaços: 1: 6; 2: 2; 3: 2; 4: 1,5; 5: 5.

A inscrição apresenta letra capital, de desenho rude. Não há pontuação nem *ordinatio* aparente. Está danificada na parte inferior mais próxima do X e na face lateral mais próxima do O, que está incompleto.

As letras da actual l. 1 são muito difíceis de distinguir: a primeira parece um T, embora a pedra esteja danificada nesta zona; a segunda, um A, mas a parte superior não está completa; para a terceira, sugiro um I. Assim, depois do decalque, leio, na l. 1, TAI.... Na l. 2,-NVS poderá ser a terminação dum antropónimo. Na l. 3, leio LACO, apesar de o L estar pouco nítido, o A não apresentar a barra horizontal e o O estar incompleto pela fractura da pedra (¹). Na l. 4, vê-se AN em nexo e XV ccm o V de haste direita prolongada para a zona inferior do monumento.

João REIGOTA



**Fото 148** 

Foto de J. Reigota

<sup>(1)</sup> Laco(n) é cognome de origem grega, pouco documentado na Península: regista-se, que eu saiba, apenas uma outra vez, numa ara do museu de Moncarapacho, Olhão (IRCP 47).